

PRECONCEITO CONTRA INDÍGENAS: EXEMPLOS NA LITERATURA

ANA CAROLINA MONTEIRO VIERA¹, DAVINA MARQUES²

¹Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus Hortolândia, estudante do Ensino Técnico em Mecânica na Forma Integrada ao Ensino Médio, acmv.anacarolina@gmail.com.

²Orientadora do PIBIFSP, Docente de Letras, IFSP, Câmpus Hortolândia, davina.marques@ifsp.edu.br.
Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.10.00-7 Literatura Comparada

RESUMO: O projeto *Questões africanas, afro-brasileiras e indígenas: leituras comparadas* tem sido apresentado em nosso câmpus desde 2017. A proposta é oferecer uma oportunidade de pesquisa na área do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e ampliar os estudos e a divulgação de informações nessa área. Oferece-se a estudantes conhecimento específico na literatura indígena, africana ou afro-brasileira e em outras artes relacionadas, em uma perspectiva comparada, definida pela bolsista. Neste ano, a partir de estudos no campo da cultura e da literatura indígena, chamou a atenção a questão preconceito contra o indígena, principalmente no ambiente escolar. Assim, a partir da leitura das obras *Meu Vô Apolinário*, de Daniel Munduruku, e *O irmão que veio de longe*, de Moacyr Scliar, este trabalho busca apontar como a literatura ajuda a colocar em pauta os encontros e desencontros entre os povos indígenas e os outros povos que habitam o nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: literatura comparada; literatura indígena; indígenas na escola regular; preconceito contra indígenas.

PREJUDICE AGAINST INDIGENOUS PEOPLES: EXAMPLES IN LITERATURE

ABSTRACT: The project *Topics on African, African-Brazilian and Indigenous Issues: comparative readings* has been presented in our school since 2017. The objective is to offer an opportunity for research in the area of the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI) and expand studies and disseminate information in that area of enquiry. The scholarship holder is offered specific knowledge of Indigenous, African or Afro-Brazilian literature and other related arts, in a comparative perspective, and the question to be pursued in the research is defined by the student. This year, based on studies in the field of indigenous culture and literature, the issue of prejudice against the indigenous peoples called our attention, especially in the school environment. Thus, from reading the books *Meu Vô Apolinário* (Grandpa Apolinário), by Daniel Munduruku, and *O irmão que veio de longe* (The brother who came from afar), by Moacyr Scliar, this work points out how literature helps bring into discussion the encounters and setbacks between indigenous peoples and the other peoples that inhabit our country.

KEYWORDS: comparative literature; indigenous literature; indigenous people in regular school; prejudice against indigenous people.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de trabalho em andamento como parte de um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio do IFSP, intitulado *Questões africanas, afro-brasileiras e indígenas: leituras comparadas*, que defende o estabelecimento de pontes de contato entre culturas através da literatura e de outras artes. Entende-se que a pesquisa literária, dentro de uma perspectiva comparada (COUTINHO, 1996), permite movimentar temas relevantes para a educação e potencializa a discussão dos conceitos de sentido e representação, fundamentais para a compreensão de questões contemporâneas. Com a intenção de promover aproximações de estudantes com a literatura africana, afro-brasileira e indígena, estimula-se o contato com obras

literárias e artes de outros campos, explorando vínculos entre linguagens, produzindo reflexão teórica sobre as experiências realizadas.

Neste caso específico, em mergulho nos escritos da literatura indígena de autoria de Daniel Munduruku e a partir da realização do Identidade e Diversidade – Curso Introdutório sobre Cultura Indígena (Instituto Uk'a - Casa dos Saberes Ancestrais), em análise contrastiva com o livro *O irmão que veio de longe*, de Moacyr Scliar, chamou a atenção o preconceito vivido pelas personagens indígenas, sobretudo no espaço escolar.

MATERIAL E MÉTODOS

O projeto *Questões africanas, afro-brasileiras e indígenas: leituras comparadas* está atrelado a uma área maior de pesquisa, os Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. O comparatismo nos permite questionar discursos coesos e universalizantes, em defesa de outros mais plurais, descentralizados, historicamente situados e atentos a diferenças (Cf. COUTINHO, 1996).

Assim, a partir da leitura das obras literárias, foi proposto o questionamento de aspectos de interesse e de relevância para o tema da pesquisa. Em um momento de isolamento social causado pela pandemia, os diálogos entre bolsista e orientadora se deram de forma virtual.

Já tínhamos observado em outros trabalhos (FREITAS; MARQUES, 2017), que o indígena retratado por Daniel Munduruku, em *Meu Vô Apolinário*, é primeiramente um indígena que não quer ser índio. A personagem principal vive em um conflito consigo, por viver entre a sua tribo e o mundo ocidental. O garoto se vê em crise por não saber lidar com sua origem. Isso se dá, também, por causa do preconceito enfrentado nos encontros com povos não indígenas. Somente mais tarde, nas experiências com seu avô Apolinário, Daniel compreende ser um membro do povo Munduruku e alegra-se com isso. Mais do que isso, compreende outro modo de ver, sentir e perceber o mundo que o cerca.

No caso do livro *O irmão que veio de longe*, de Moacyr Scliar, a personagem indígena é Carlos, filho de uma indígena com um pai "branco". Depois da morte do pai, o menino vai viver com a família que não conhecia – dois irmãos e uma irmã, cuja mãe o acolhe, apesar de nunca ter sequer ouvido falar a seu respeito antes. Assim, Carlinhos vem da Amazônia para morar com "sua" família no sul.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Daniel Munduruku é autor com vasta obra publicada. Tem sido também constantemente convidado a falar em eventos, mantém um blog pessoal e é um divulgador da cultura indígena brasileira, fazendo, inclusive, a promoção de novos nomes na literatura e na arte indígena de seus “parentes”. A respeito dessa palavra, vale ressaltar que Daniel nos informou que "parente", além de ser uma forma de se referir aos membros de outros povos também indígenas, inclusive em redes consanguíneas, é termo usado também para outros seres vivos. “Parentes” são membros de uma teia de relações.

Uma de suas observações mais constantes em suas falas e escritas é a crítica feita ao apagamento da grande diversidade indígena quando da vinda dos estrangeiros para cá e estes passaram a chamar todos de “índios”. Daniel considera esse apelido uma grande manobra de transformar a multiplicidade dos povos em algo único, um nome que lhes foi imposto e os afastou da sociedade brasileira. Depois, bastava transformar essa criatura “índio” em algo negativo, motivo de piada, algo a ser domado, domesticado, eliminado, por não se conformar a um modelo estrangeiro.

No curso que fizemos sob sua coordenação, Identidade e Diversidade, citado anteriormente, Daniel lembra que a palavra índio, na literatura, assumiu duas possibilidades de entendimento: uma romantizada, de um ser que vive em completa relação com a natureza sem qualquer problema, com características do herói europeu; outra pejorativa, de um ser preguiçoso, que não gosta de trabalhar... Índio, ensina-nos Daniel, é palavra equivocada para dizer da diversidade dos povos ancestrais da terra hoje chamada de Brasil. Tem a ver com um preconceito de quem olha para a multiplicidade e trata toda ela de maneira única, com proposta de assimilação e de subjugar aqueles com quem há contato.

O olhar europeu escolheu um jeito de tratar os grupos que aqui viviam de uma mesma forma: quis explorar, vencer, destruir, convencer, trazer para a sua cultura o que aqui havia, descartando o que não lhe convinha. Índio é estereótipo que não ensina relações de respeito, que não permite ver os povos da nossa terra como grupos senhores de sua própria cultura.

Ver os grupos indígenas que vivem no Brasil, que aqui estavam antes da chegada dos europeus, como índios é desprezar suas singularidades em nome de um processo de colonização, de exploração.

A tarefa de esclarecimento das relações impostas por essa palavra índio não é fácil. A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, deu início a um processo importante de retomada da cultura indígena, pois altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena””.

As obras que estudamos no nosso projeto não pretendem exatamente lidar com a multiplicidade dos povos indígenas. Ao contrário, seria possível dizer, estão em um estágio inicial que demonstra os desencontros e encontros entre povos colonizadores e os povos nativos e ancestrais deste território chamado Brasil. Dão início a uma reflexão que instiga o pensamento sobre as dignidades dos povos.

Podemos, no entanto, dizer que o preconceito contra o indígena aparece nas duas obras estudadas de forma bastante explícita. Citaremos apenas dois exemplos neste breve resumo expandido.

No caso de *Meu Vô Apolinário*, obra biográfica, Daniel contou, por exemplo, sobre a primeira paixão que ele sentiu, pela menina Lindalva. Ele decidiu se declarar para ela, dizendo-lhe como se sentia e ela respondeu de forma bastante dura, afirmando que não iria trocar o menino de quem ela gostava por um “índio”. E já vemos o apelido ruim em funcionamento. Como se não bastasse, ela contou para os colegas que ele havia se declarado e todos riram muito dele, zombando pelo fato de ele ser um “selvagem”, como que indicando que ele não sabia o seu lugar, longe de meninas bonitas e brancas.

No caso de Carlinhos, de *O irmão que veio de longe*, em uma aula, o professor contou como a varíola havia dizimado vários povos indígenas. Depois começaram a surgir bilhetinhos por todo lado na escola, escritos no banheiro, que diziam: “Faça como a varíola. Acabe com o índio!” Novamente o apelido pejorativo em ação.

Nossas leituras nos levaram a deduzir, entretanto, que, apesar de ambas as obras apresentarem o tema do preconceito racial, há diferença na produção escrita de um autor indígena e do outro, que não é. No livro do Daniel Munduruku, sentimos, com a escrita em 1ª pessoa e autobiográfica, a dor de uma pessoa que sofreu na pele o preconceito. Especificamente nos encontros com o Vô Apolinário, no entanto, Daniel recupera uma dignidade que mal conhecia e fortalece-se como um brasileiro de um povo, pertencente a uma tradição, a uma cultura ancestral que resiste até hoje, o povo Munduruku.

A narrativa em 3ª pessoa de Moacyr Scliar também explora o sentimento da dor de um indígena, mas há um distanciamento, um olhar, de certa maneira, de fora. Moacyr retrata a temática com a proximidade do olhar branco, de estranhamento por causa de alguém que vem e tira do lugar toda uma rede de relações familiares e sociais. Essa criatura que veio de longe nos coloca em um outro lugar. Talvez seja interessante, nesse sentido, explorar a importância de darmos voz a esses representantes de tantos povos indígenas entre nós nas escolas, nas universidades públicas. Vamos reaprender o Brasil e os brasileiros. E o livro do Moacyr mostra que não é fácil para as pessoas envolvidas, mas vale a pena.

No próximo passo de nossos estudos, vamos explorar a perspectiva teórica do lugar de fala, com a leitura do livro *O que é lugar de fala?*, da filósofa brasileira Djamila Ribeiro. A ideia é trazer uma fundamentação teórica para sustentar o argumento da distinção entre as formas como lemos e percebemos a questão do preconceito nessas duas obras.

CONCLUSÕES

Ainda temos alguns meses de trabalho pela frente e, portanto, não chegamos às conclusões finais. Temos defendido que o contato com obras indígenas, africanas e afro-brasileiras, em especial na escola, proporciona a possibilidade de sermos contagiados por essas culturas. Esses momentos ajudam a construir dentro de nós o que seria ser indígena, africano, afro-brasileiro e, por isso, entendemos que é de demasiada importância que sejam propostas as leituras de obras de autoria desses grupos.

Acreditamos que as leituras constituem aquilo que existe em nós, aquilo que somos, permitem repensar quem somos ou quem são os brasileiros.

E justamente porque as leituras compõem parte da formação de conceitos importantes em cada indivíduo é que se propõe dar acesso a obras de autoria indígena, propiciando assim uma visão dos povos indígenas menos distorcidas conforme as vontades do “ocidente”.

Queremos dar visibilidade à literatura indígena na nossa comunidade.

O escritor Bartolomeu Campos de Queirós (2012, p. 23) afirma:

Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. [...] A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos. [...] A fragilidade que funda o homem é a mesma que o inaugura, mas só a palavra anuncia.

Nosso projeto propõe ceder à escrita do outro, inscrever-se entre palavras e silêncios, acordar dizeres insuspeitados, redimensionar entendimentos, anunciando e fundando outros homens através das palavras anunciadas.

Neste trabalho, dizemos não ao preconceito contra os povos indígenas, especialmente os tantos do nosso país. E somamos a nossa voz às deles, denunciando comportamentos equivocados. Compartilhamos o sonho de Daniel Munduruku, o de ajudar o Brasil a compreender sua identidade como povo (que anda ainda malformada), para olhar para si com orgulho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIFSP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), que incentiva o despertar da vocação científica e a inserção de estudantes em atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, E. F. Do uno ao diverso: breve histórico crítico do comparatismo. **Organon** – Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 10, n. 24, n.p., 1996.
- FREITAS, B. F. S; MARQUES, D. **Entre Iracemas e Apolinários, pela Literatura Indígena**. Trabalho apresentado no 1o Seminário de Literatura Indígena - 14o Encontro de Escritores e Artistas Indígenas. 19o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens. Rio de Janeiro, 2017.
- MUNDURUKU, D. **Meu Vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Estúdio Nobel, 2005.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte/MG: Letramento, 2017.
- SCLIAR, M. **O irmão que veio de longe**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- QUEIRÓS, B. C. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.